



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

13 DE JUNHO DE 1959  
ANO XVI — N.º 398 — Preço 1\$00

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário  
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS

## FACETAS DE UMA VIDA

Na data em que começo este número do Famoso ocorre a Festa do Corpo de Deus. Festa muito da devoção de Pai Américo.

Por coincidência curiosa, ao procurar material para esta rubrica, caí-me sob os olhos a narração que segue, do actual Arcipreste de Soure.

Voltemos, pois, 25 anos atrás.  
Soure, Corpo de Deus — 1934...

O Padre Américo prègou aqui vários anos. Aí por 1934 foi na festa do Corpo de Deus, em que se passou o seguinte:

No fim da missa da manhã, foi ao Tribunal pedir ao Dr. Delegado uns bancos para umas tarimbas destinadas aos leitos dos presos que dormiam no chão. Ia de batina, o que era estranho. Junto à loja do Augusto Vasco, em frente da actual praça da hortaliça, estava uma pequenita de cerca de 13 anos. Vendo-o, chamou uma outra mais nova: «olha ali um homem com saias!... Queres ver?» O Padre Américo abeirou-se da Maria Lucinda e estendeu a mão com o indicador e o máximo fechados para lhe apertar o narizito, de brincadeira, e por estima. A pequenita, porém, teve medo, apesar de o ver rir e, fugindo, tropeçou no degrau da porta. Ele levantou-a, animou-a e ela ficou bem disposta.

Remorando-se com o Dr. Delegado cerca de hora e meia, rente já da Missa cantada, saiu do Tribunal e viu o largo do monumento aos mortos da Guerra coalhado de povo em grande alarido. Perspicaz, logo percebeu que tudo se ligaria com o assunto da pequena e retrocedeu pela esquerda para evitar qualquer coisa desagradável. Uma mulher, porém, corre-lhe ao encontro: «quem lhe deu licença de bater na minha filha?» E sem mais, dá-lhe duas bofetadas. Foram tantos os vivas, apoiados, e louvores à mulher quanto os insultos, assobios, morras e foras, dirigidos a ele.

Que acontecera? Era necessário inutilizar a acção benéfica do Padre Américo no púlpito, nas casas dos pobres e na cadeia e a ocasião não poderia ser melhor. Por isso, uns indivíduos da vila fizeram pressão sobre a criança para que dissesse à mãe que lhe batera e à mãe disseram que lhe desse uma lição:

O Padre Américo confessou mais tarde que não lhe custaram as bofetadas, mas sim os apupos e assobios, palmas e toda a manifestação de ódio saída daquela multidão desvairada que o quis humilhar. E, se não fosse um pequenito de 7 anos que lhe foi ensinar o caminho, nem dava com a Igreja. Um pouco atrasado, não vinha calmo como do costume, ao pedir a bênção ao celebrante. Foi para o púlpito. Notava-se cansaço e acabrunhamento.

A notícia correu veloz. O Juiz, Dr. Ponces de Carvalho, e Delegado correram logo ao Padre Américo, querendo que se constituísse parte. Era necessário educar. Fazer compreender ao povo o mal que tinha feito. Eles não podiam proceder judicialmente sem a sua queixa. O Padre Américo, porém, não se resolveu. Que voltava a Coimbra; pensaria e consultaria o Snr. Bispo e depois resolveria. A verdade é que no seu espírito já estava resolvido: perdoar.

## NOTA DA QUINZENA

É um dos pequeninos grandes casos que aqui vêm dar todos os dias.

Nós precisávamos de nos encher desta verdade: Uma urgência de um Pobre, ou os seus direitos mal defendidos, são sempre um grande caso, justamente por causa da pequenez (no conceito do mundo) do seu sujeito.

O problema dele é uma preocupação que afecta uma Pessoa e a faz sofrer, não na medida da importância objectiva do problema, mas na proporção da sua incapacidade de resolvê-lo.

Ora todos nós que respiramos um ar impregnado de materialismo, praticamente deixamo-nos prender pela lei do número.

No seio das massas perdemo-nos do valor insuplantável da Pessoa humana e esquecemos que só a salvação dela (de todos e de cada um dos homens) determinou Deus a dar-nos o Seu Filho, também Pessoa humana.

Acabamos por considerar como coisa de somenos o sofrimento deste ou daquele e insensibilizamo-nos, enquanto a dor não bate também em nossa porta.

Então, o nosso é, com certeza, um grande caso!

Mas eu vou a fugir da nota triste desta quinzena.

Uma pobre viúva que moureja ainda o pão de cada dia pensou livrar da ruína total a sua casita. Pediu, veio por aqui, conseguiu algum dinheiro adiantado — e começou a obra. Junto à casa um pequenino quintal, murado.

Ela sabia (Vá lá! Podia até nem isso conhecer!) que era preciso tirar licença na Câmara. Tirou. Porém, julgava que a licença era para casa e muro e não especificou. Mexeu na casa e tudo muito bem. Tocou no muro e aí aparece o zelador, muito zeloso de cobrar a multa, sem querer saber da boa ou da má fé da pobre mulher. Pagou a multa. Diante de mim o documento: 400\$50.

Ora bem! Julgava a pobre mulher (e eu também julgava!) que a multa serviria de licença... Pois não senhor. Era necessário pagá-la e agora «dobra duas vezes e meia mais do que se a tivesse tirado na maré». Só 504\$50!

Quer dizer: as obras no muro, que pouco iam além de estender sobre ele uns metros de arame para melhor resguardo do quintal, ficaram em pouco mais do que a multa mais a licença: a rica soma de 905\$00!

Ora eu acredito que tudo isto venha na lei. Nem era de outro modo que se atreveriam a imprimir nos recibos: «Guia de receita eventual»...

O que eu não acredito é que

aplicações desta natureza estejam na mente do legislador.

Pois não é um valor que enriquece a Nação, uma casa em vez de um casebre, um quintal protegido e produtor em vez de terras a saque?! Pois não é um valor (ó incomparavelmente mais digno!) uma mulher viúva e já idosa, que moureja de sol a sol o pão de cada dia, reagir contra a miséria estagnada e deprimente e procurar deixar aos seus (à sua própria terra, também!) um património valorizado?!

E vêm os executores da lei — zeladores! —, cegos ou maus, sem distinguir trigo nem joio, ceifar a esmo para a receita eventual! Que julgam os homens poder produzir de bom com receitas recebidas a preço de iniquidade?!

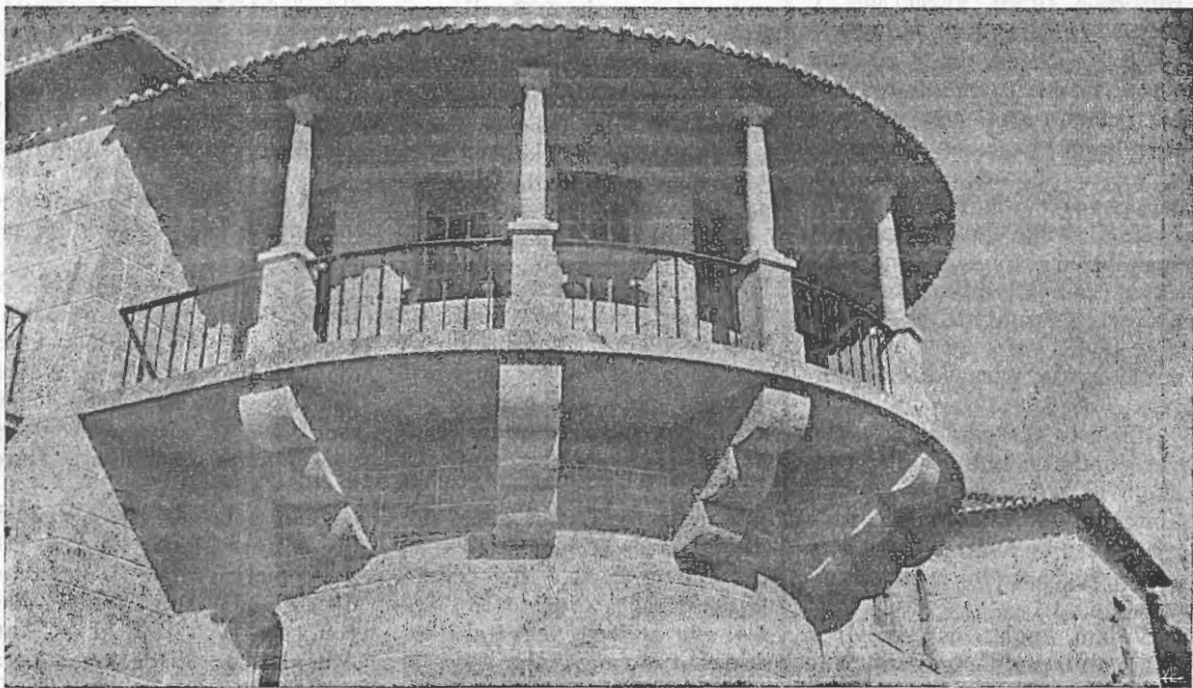
A dor daquela pobre mulher viúva e já idosa é uma injúria que brada. Ela é uma imagem de Deus, configurada mais a Ele pelos traços do sangue de Cristo também por ela derramados. Que importa que nos conceitos do mundo seja fraca e insignificante?! É uma Pessoa, que luta por conservar o aprumo, a dignidade própria das Pessoas.

O seu esforço merecia estímulo, compreensão. Depois dele, ela era, mais do que até então, digna de paz.

Pois enganou-se. Os zeladores deram-lhe a contradição.

E a caixa das receitas eventuais também foi enganada: Parece que cresceu e abriu brecha mal lá entrou o que não deveria entrar.

Eu sei que a coisa se passou dentro da letra da lei. Mas sei, com certeza ainda maior, que foi sabotado o espírito do legislador!



Casa Mãe. Daqui as maiores desordens por via do refeitório e cozinha. Mansão de Paz e Amor desde a primeira pedra de seus alicerces! Dentro, que horas altas pelo amargo do Calix. Nas beiradas, os ninhos das andorinhas!



RÊS doentes regressaram já ao anterior modo de vida. Um deles, porque saudoso da lojita onde matava o tempo e molhava os ais. Outro, porque encontrou família junto de quem vai findar seu penar incurável. Outro

ainda, porque mendigo e muito habituado a esmolar pelas feiras, o que serviu para nos convencer mais do terrível vício que é a mendicidade autorizada. Por ser rendosa todos a preferem. Vamos assim registando frêquentes enganos a respeito do que seja o Calvário.

É uma casa limpa, onde os que possuem sentimentos nobres, vegetem eles por esterco ou lama, fazem ambiente digno.

Outros que se enganam ao chegar são os visitantes. Idealizam um hospital com inúmeras janelas, porteiro, corpo de enfermagem e limpeza, clínica em funcionamento. Como nada disto deparam, espantam-se.

Trata-se de pequena aldeia, perdida sob frescas carvalhas seculares, tendo ao centro a Casa-Mãe para repouso dos mais enfermos, ladeada pela capela convidativa (antigo espigueiro da quinta) e por lares acolhedores a jeito de moradias portuguesas, destinados aos doentes abandonados, actores e espectadores de tudo quanto se desenrola.

Mas, os enganos não ficam por aqui. Há cartas que falam entusiasmadas. As expressões com que nelas é classificado o Calvário são as mais altas e dignificantes. Para uns é a ideia sublime, para outros a obra gigantesca de projecção social desconhecida entre nós.

Ora, vista por dentro, ao invés, é montão de lixo que à rua é deitado pela sociedade, pelas famílias, pelas instituições. Cancerosos, paráliticos, aleijões sem conta são os preferidos neste vasadouro público. Todas as idades. Ambos os sexos. A par, a pobreza e a carência do extremamente preciso.

Subindo às enfermarias, as camas anseiam por colchas. Se descemos ao refeitório e à cozinha, quantos utensílios ausentes ainda. Na copa — dizem os doentes — que bem ficava um frigorífico! Mas quem acode antes que se nos estraguem os gêneros alimentícios!

Na rouparia não vale a pena entrar. Os senhores sabem como e de quê no vestimos. Por ora, andam alguns aos empréstimos. Prossigamos.

Sendo isto exclusivamente para doentes pouco mais se vê do que construções airozas. O apetrechamento clínico é o mais rudimentar e caseiro. Quem lida com doentes profissionalmente, conhece melhor do que ninguém o que falta numa casa desta natureza, desde pinças e sondas até remédios, digo narcóticos e sedativos, porquanto incuráveis os donos do Calvário. Como gostaria que ao menos eles morressem consolados e tranquilos, para mais resignadamente saberem aceitar o fim que é começo da Vida.

Mais ainda. Quanto ao pessoal de enfermagem somos todos. Criados, igualmente todos uns para os outros. E assim é que está conforme o espírito da **Obra de, para, e por doentes.**

Por isto mesmo, o Calvário, carecendo de tudo quanto possuem as obras grandes, inclusivamente de relógio de parede que marque horas, é, no consenso do mundo, a obra gigante.

**Vejam, pois, os senhores, como anda tudo enganado. Não**

é nada do que se pensa. O pobreza franciscana a nossa! Só vista! Esperamos que o verão traga surpresas. As camas estão a ficar repletas. As doencas a repetirem-se e consequentemente a exigirem porta aberta. Os doentes que mais frequentemente recebemos são os cancerosos. E só estes não vêm enganados porquanto desenganados.

Oiçam a história do senhor Américo, que Deus nos chamou há dias. Jornaleiro do Alto Minho. Viúvo. Tinha somente uma filha «que não tem obrigação de olhar pelo pai» — como me respondeu. Com dinheiro emprestado apresentou-se no hospital para internamento. Esteve tarde e noite no Banco daquele, onde lhe declararam que não podia en-

trar. É canceroso do fígado. Pessoas de bem rogaram-nos abrigo para ele. Na rua nunca. Veio. Permaneceu dois escassos meses connosco. Com alegria recebemos mais este doente que soube sofrer. O caso não é singular. É índice de muitos outros que igualmente «não têm lugar nas estalagens». Cristo continua vivo nos Seus membros, e do mesmo modo repellido e com igual caridade amado. Quem pode deixar de amar os nossos irmãos mais sofredores?

Externamente o Calvário não apresenta fachada de obra pública. Mas que não haja enganos. A grandeza dele não está no exterior, mas na altíssima dignidade dos que nele sofrem — Cristo Místico.

Padre Baptista

CAL  
+ VA  
RIO

## Do que nós necessitamos

Esta veio de Lisboa. Traz o calor de uma vitória. «Sou uma das muitas funcionárias que fui aumentada. Cada mês que tem passado, eu digo este mês dou; mas tem-me faltado a coragem de dar. Que tristeza eu sinto! Deus ajudou-me e eu em nada ajudei a suavizar os que sofrem. Agora venci. Segue o meu aumento de um mês e mais 100\$ para a campanha dos 30.000x20\$. E termina com um grito de júbilo. «Se os que podem, experimentassem a alegria de dar por certo que seriam mais felizes». De Lourenço Marques uma nota de quinhentos e mais nada. Também de Lisboa chegaram os 21 selos habituais de 1\$00. Aqueloutra que nos pergunta se temos recebido todos os meses a mesma «migalhinha» de 20\$ dizemos que sim. De Viseu e de Coimbra outras do mesmo tamanho. As boroas grandes são feitas de pequenos grãos de farinha. E que sabor não têm quando amassadas com suor do trabalho de cada dia!

Há muito que os Pobres do Barredo são também vossos. Da R. Costa Cabral vieram 601\$ para lhes dar. «Em cumprimento de uma promessa, 350\$ e por legetuda: «há muito que o vosso jornal é lido, saboreado e meditado por todos cá, em casa, e até por estranhos a quem cedemos no desejo de se resolverem a ser assinantes ou de se moralizarem ou consolarem com a sua leitura. Os 350\$ são o produto de 7 meses em atraso, por trabalhos, despesas e (mea culpa) descui-

do». Pai, Mãe e três filhas mandam 50\$ para os Pobres do Barredo. Em acção de graças, de Fânzeres, vem o dobro. De Vale de Figueira acrescentam 20, com o destino do costume.

Bem juntas, enviadas com o mesmo carinho, traduzindo o mesmo amor pelos Pobres, 4 notas de cinquenta — uma de Lisboa, da assinante 13.582; outra de Gouveia «para que juntamente com outras migalhas vá minorar um pouco esses infelizes que, sem o saberem, tocam tantos corações para que se tornem mais caridosos». Mais uma de Aveiro, em acção de graças e outra de A. C. de S. João da Madeira.

À hora em que escrevo há grande movimento na nossa Aldeia. É um mar de gente que sobe as ruas, outros sentados debaixo das ramadas, a gozar a sombra, neste lindo dia de Primavera. Grupos excursionistas, ranchos folclóricos para quem, de há muito, a Casa do Gaiato se tornou ponto obrigatório de paragem.

O Rancho Típico do Ilhéu de Campanhã trouxe-nos a sua juventude e alegria exibindo-se em alguns números. Não se foram sem deixar um bocadinho do seu sacrifício. O mesmo aconteceu com o grupo excursionista Estrela de S. Dinis.

Duas notas de 100 e uma de 50 de duas Marias da Luz. «Os dois amargurados» vieram como de costume. Atrás, «uma Mãe» com cem. De Vila Real de Santo António 20+20 de «uma peca-

# Férias forçadas em Ordins

POR PADRE AIRES

1) «Chuva de romances de lá»: eis uma ideia proposta por uma leitora, para se acabarem com as «férias forçadas em Ordins». Trata-se duma ajuda fraternal prestada às mulheres pobres desta terra, plantada nos altos da «serra» do Mósinho. Ajuda eventual ou mensal. Um pedaço de pão é um pouco de amor. No que se dá ou na maneira de dar vai, por vezes, toda a nossa alma, todo o nosso amor. São poucas, por ora, as que acorreram à chamada, mas vão entusiasmadas, graças a Deus. Abre o Fundão: «achei ótima a ideia do romance de lá por mês. Vão esses 20\$ que é deste mês e do que vem e, se Deus quiser, continuarei. Desculpe, é pouco, mas como de grão a grão...». S. Pedro do Sul vai com seu «novelinho de lá». Fui a ver e eram 10\$00. No Espelho da Moda foram dar 20\$ «para Ordins da assinante n.º 24.851 do Porto». Com outro tanto segue Lisboa. É para «dois romances e logo que me seja possível estarei presente mais vezes». A carta termina, no mesmo teor de compreensão e caridade: «que todos quantos lerem a sua «local» oiçam a sugestão apresentada! E que essa «chuva» abençoada caia sobre Ordins, minorando a infelicidade dessas Mulheres nossas irmãs». Quanta doutrina nestas últimas palavras! Mas quantos passam à frente, embriagados pelo mundo e pelas paixões! Que lhes importam os irmãos em necessidade? Passam à frente. Só o Samaritano parou. Dos lados de Lamego leva também o facho alguém que vive para os outros: «linda a ideia dos romances! Aí vão dois para agora e espero que não faltarei à chamada, tanto mais que na expressão de V., são tesouros que um dia encontrarei no Céu. Praza a Deus que assim seja e que, pela misericórdia do Senhor, lá entre um dia guiada pela mão dos Pobres». Mais doutrina. Bemaventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!

Se o leitor souber, encontrou 90\$00. Ora mandei chamar a senhora das Tecedeiras e mostrei-lhe as cartas, cujos extractos acabámos de ler. Não era pelo muito recebido, mas pela possibilidade que se nos pode oferecer, se aos 90\$ se acrescentar mais e mais. Qual o melhor destino a dar aos «romances de lá»? Diversas finalidades se lhes poderia dar em Ordins, onde falta tanta coisa. E todas seriam boas. Há camas sem lençóis. (Se viessem os que Moçambique, um dia, me prometeu...). Há mesas coherdas com um papel. Não se vai, por vezes, ao médico, por não haver roupa limpa. Há casas por

dora»+20 de Tavira. E fecha com chave de ouro. A assinante 20.194, residente na Bélgica, mesmo de longe diz que está presente e manda entregar 2.000\$, fruto do seu trabalho honrado.

Padre Manuel António

dividir, ao menos com uns metros de riscado, separando, assim, as camas. A Senhora até já me mandou, há tempos, pôr aqui que se necessitava, para este efeito, duma peça de riscado, mas tenho-me esquecido. Não obstante tantas necessidades, resolveu-se com estes nadinhas atrair as mulheres e raparigas à casa de trabalho, iniciando-as na aprendizagem de malhas. Por cada romance de lá tricotada, dar-se-ia um nadinha. Assim aprenderiam a fazer camisolinas e o mais que depois se verá. Em vez de pagarem para aprender, receberiam por aprender! Em Ordins só assim. Deste modo, se procura com os «romances de lá» preparar a mulher para a vida.

2) «Jardins floridos e casas caiadas»: a ociosidade é clima de viciados. A fome é má conselheira. As «férias forçadas em Ordins» constituem, pois, um perigo. Pediram-se aos leitores sugestões para obviar a este mal. Os «romances» são uma ideia. Como nos mais anos, já sabia que, após o Natal, as tecedeiras de chales teriam de vegetar. Era preciso acudir-lhes com um pedaço de pão. Havia já o concurso dos «jardins das tecedeiras» que lhes costumava dar migalhas. Este ano o concurso estendeu-se a todas as famílias de Ordins e Ribas. E não seriam migalhas, mas prémios pecuniários no total de 5.000\$. Jardins floridos e casas caiadas. O jardim serve para embelezar a casa. É esta, então, que deve ter prioridade, tanto mais que o Pobre vive numa casa qualquer. E como homem que é, devia ser ela digna de si mesmo. Tem de haver uma diferença muito grande entre a casa do homem e a cortelha do animal — e, por vezes, não há. Ora o concurso visa a fazer compreender este pensamento e pô-lo em prática. Quantos desmandos de costumes, por a casa não ser digna do homem. Acaba por se nivelar com ela... Em Ordins há problemas graves no campo da habitação. Casas por dividir, forrar, soalhar. Casas de colmo, com as juntas de pedras por argamassar, pelas quais passa o frio e se vê o sol. Metade das habitações são de aluguer. Ora se o senhorio não compõe, não repara, como o há-de fazer o inquilino? O senhorio não compõe por as rendas serem muito baratas. O inquilino também não, por a casa não lhe pertencer. Os 5.000\$ para «jardins floridos e casas caiadas» são uma tentação. O primeiro prémio é de 1.000\$ — uma fortuna para esta gente humilde! Não há outro processo para concorrer, que, além do jardim florido, se ter tomado as juntas e branqueado as casas interna e externamente. Graças a Deus, vão-se vencendo as dificuldades... enormes para a mentalidade deste povo. «Caiar uma casa que não é minha...» — naturalmente, se se quer tomar parte no concurso. Há senhorios que ajudam. Já se onve a alguns

as  
ns

**E** noite. Pela janela aberta entram a fresqui-dão, o sussurro dos raios e as borboletas atraídas pela luz. Até há bocadito, ouviam-se ecos de rádio aceso e ruído de vozes nas casas. Depois a melopeia ritmada das orações do fim do dia:

*Minha Mãe, minha Senhora  
Sobre estes filhos lança  
Vossa bênção carinhosa;  
Do Céu a Graça nos dai.*

Agora há silêncio.

Os maiores foram à televisão. Só no quarto do Daniel ainda a luz acesa.

Lembro-me daquele Pai que uma vez me confiou: «Todas as noites, antes de dormir, eu passo, um a um, os meus nove filhos». Nove vezes vinte... Aí estão os meus filhos mais de perto. Não sou capaz de passá-los um a um. Passo-os em desejo e em conjunto. Quantas lutas, quantas quedas, quantas vitórias! Tantos que se recuperam..., penosamente, mas recuperam-se! Alguns que desistiram no meio da prova e sucumbiram.

Senhor, só a Tua Graça fecunda o que semeamos e podamos e regamos, em Teu Nome!

Espontânea, sobe do coração aos lábios a oração de Pai Américo: «Senhor, guarda os que me deste. Eles são mais Teus do que meus».

★

**S**RILOS. Eles são os maiores cantadores neste mês de Maio. Na Capela, enquanto dura o terço não se dá por eles. Mas, finda a ladainha, quando Cândido sobe ao pé do Altar e começa a leitura, eles compõem-lhe o fundo musical, a que todos nós já nos habituamos.

Grilos são um assunto importante. Os senhores já o sabem dos mais anos, mas eu sei que gostam de tornar a ouvir. Os mais pequenos, aos domingos, depois do almoço, vêm pedir licença para uma excursão: «É só aqui ao monte da nossa terra nova...»

Refeitores que não têm recreio quando os mais, vêm pedir também para ir passar lá o seu.

Há menino que colecção deles. Depois são as trocas. Há mesmo exportação para o Lar do Porto.

E julgam os senhores que são só os pequenitos?... Cândido, o nosso chefe maior, que dentro de dois meses, se Deus quiser, será chefe de Família, chegou a juntar 30. «Russo», que foi há tempo à tropa e posto a andar por fraquito, 18. Uma vez ou outra são lágrimas aqui no escritório. «Fulano tirou-me um grilo!...» «Russo» faz a sua colecção à custa destes expedientes. É useiro!...

Ontem à noite fui dar uma volta pelas casas. No seu quarto, Fábão saiu de ao pé do

promessas: a casa caída até me-rece janelas... E assim os senhores são levados a fazer o que, antes, não pensaram... e as habitações vão-se tornando mais dignas dos seus habitantes, filhos de Deus.

Padre Aires



# VISTAS DE DENTRO

armário, de mãos fechadas. «Que tens aí?»

Abriu. Grilos!

Hoje encontrei uma casinha de contraplacado com rés do chão e primeiro andar. Em ambos, grilos. Não perguntei, mas não arrisco grande erro se disser que por ali anda mão do Neca carpinteiro.

Que bom o encanto dos grilos!

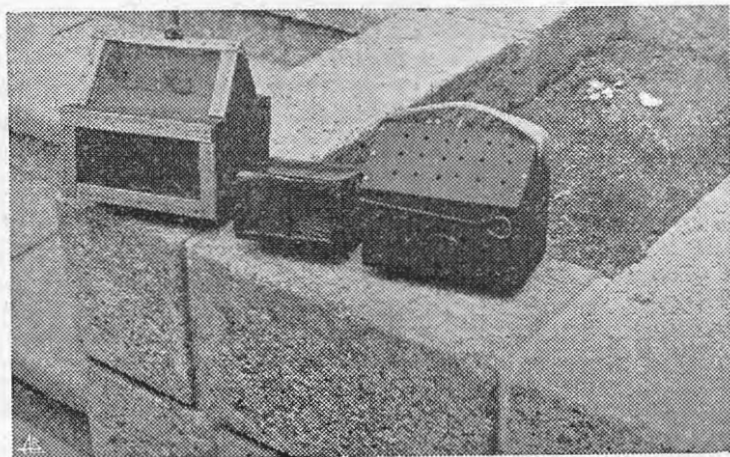
★

**S**EMPRE que dou uma volta pela quinta com Padre Manuel António eu farto-me de gozar e de aprender com a singeleza da sua alma.

Foi assim outro dia. Parámos em um degrau de onde se avista grande parte da quinta.

«Olhe! Nem um bocadinho ficou por cultivar, vê?...»

Perto dali, canteiros pequeninos povoados com todas as espécies vegetais. São os quintais deles, onde muitos ocupam as suas horas de ócio e donde vêm a sair



Grilos. Eles e mais eles. Um dos grandes números do Mês de Maria! Sem eles, esta bela aldeia não seria tão Casa do Gaiato!

depois as batatas e as couves, que puxam pelo bacalhau e pelo azeite nas lutas jantaradas do tempo das colheitas, com grande escândalo da Senhora, que vê a dispensa a esvaziar-se e a conta do merceiro a subir.

Padre Manuel chamou-me a atenção. «Veja! Que batatas tão boas! Estão mais adiantadas do que as nossas... Eu tenho fomentado os quintais deles!»

Seguimos. Daí a pouco demos com dois dos «fomentados» lavradores, de padiola na mão cheia de estrume. «Onde foram vocês buscar esse estrume?...» «À estremeira» — responderam eles muito lesto e muito simples.

Padre Manuel ficou um bocadito embatocado. Ele passa a vida aflito com a falta de mato e a necessidade de estrume, por causa dos campos novos que se compraram há tempos. Debaixo dos seus olhos uma padiola atestadinha do precioso adubo! Ficou embatocado!

Ora vejam os senhores os riscos cá em casa dos «planos de fomento!»

**N**ÓS temos agora uma manadilha de gado como nunca! Só em miudezas nada menos de sete cabeças: três vitelas e quatro touritos.

Nos dias bonitos, eles vão para o lameirão pastar e é um espectáculo vê-los sair do curral e depois, no campo, a brincar. Ao pé, o pequenino pastor, corre e participa da brincadeira.

É impossível que aqueles contactos não deixem sinais na alma.

Os dois touritos mais velhos já fizeram algum trabalho.

É sempre um grande número da aldeia quando eles começam a aprendizagem.

Antigamente eram o «Russo» e outros da Casa-Mãe, quem treinavam os touritos nas horas de folga. Agora, como há muitos no campo, são os de lá que os treinam quando são precisos pequenos carretos.

Mas o trânsito para à passagem da novel junta e enquanto os touritos não desaparecem, na indisciplina dos seus movimen-

tos um nadinha selvagens, é escusado de pregar o trabalho.

★

**D**UTRA sorte de bichitos que têm dado que falar são os pintos.

Carlitos, columbófilo desde pequenino, foi sempre um adepto da avicultura.

Outro dia comprámos uma chocadeira em boas condições. Adaptou-se a propacilha que nos sai barato, e armou-se a tenda. Os primeiros dias foi um desassossego em volta dos ovos a ver da constância da temperatura. Eu mesmo, confesso, perdi lá os meus bocados.

Mas o pior foi quando os pintos começaram a nascer. «Olha aquele a picar a casca!» «Olha o outro a saltar por cima dum ovo!» «Olha aquele que deu uma cambalhota!» «Olha eles a picarem!»

E era um nunca acabar de «olhas!»

Ora esta primeira experiência da chocadeira não foi inteiramente feliz! De 170 ovos só nasceram cerca de 50 e muitos ovos tinham o pinto dentro, formado, mas morto. Porque seria?

Arriscámos mesmo uns ovos Rodhe Island Red, mas desses tivemos pouca sorte!

Ora Carlitos disse-me outro dia que se soubesse de aviários escrevia para lá a pedir ovos. Eu vou-lhe dar uma ajudazinha. Na semana que começa em 28 de Junho vamos experimentar de novo a chocadeira.

Quem manda os ovos fresquinhos na ocasião?

★

**R**AMADA, actual chefe da venda, convocou hoje assembleia geral dos vendedores e convidou-me a assistir.

Agenda: «A venda baixa, cres-



## SETUBAL

Ele há baixeiras tão baixas e grandezas tão grandes! Quem diz que os homens são iguais? Quem apregoa a igualdade? Quem?

A vida humana é um autêntico mistério que só a luz da Fé é capaz de vislumbrar! Quem se atreve a sustentar que os homens são iguais? Quanto mais vou entrando nos problemas humanos, mais abismos de medidas infinitas vou descobrindo entre os homens. Ele há baixeiras tão baixas e grandezas tão grandes! Ainda não encontrei a mediania. Só estes dois polos me têm chocado. Por isso tremo. Tremo porque tanto uns como outros me puxam para cima.

Fui há uma semana buscar um menino de um mês e cinco dias. Se não fosse Cristo ter-lhe-ia acontecido o mesmo que aos outros dois irmãos. Teria morrido. Mas não, Cristo vive nos Cristãos e por isso o menino viverá e mostrará aos homens o valor dum homem. Veio duma palhoça. A mãe, uma débil mental, sem coração, comia o que lhe davam pró pequenino. Do pai não se fala. Não se sabe quem é. Nem a mãe sabe. São tantos os que poderiam sê-lo... Isto consente-se no meio de risos de escárneo, de indiferença e de maldade, e, entre a dor de gente séria e cristã de certa aldeia. A mãe não quer sair do meio. Arranjou-se ambiente de amparo e regeneração; mas não quer. A paixão é feroz. Para onde posso eu obrigá-la a ir? Para onde? Quem me diz? Quem me acode? O caso faz-me assustar porque a toda a hora da noite aquela palhoça é inferno. Os homens animalizados são piores que os próprios cães. A juventude sem rumo, nem ideal procura a satisfação do instinto! Oh! como

cem muitos jornais... mandam-se menos jornais na venda seguinte. Tudo corre bem umas quinzenas e volta a venda a baixar e torna a baixar-se o número dos jornais que vão para a venda.

Ora isto não pode ser. A culpa é dos vendedores».

Ainda há dias aconteceu que Albino foi a Amarante ensinar a venda ao «Peixeira» e venderam 140 jornais. Quinzena seguinte «Peixeira» foi sózinho. Vendeu 130. Uma vez mais e já não pensava dos 120. A última quinzena só vendeu 80. Não pode ser! É o «Peixeira» que é «morcão». E disse, e disse, e disse.

«Pois muito bem — continuou Ramada — vai-se fazer ao contrário: Vão para a venda os jornais que devem ir e têm de se vender todos».

Vários deles propuseram então que os jornais fossem todos distribuídos ao sábado, para a venda desse dia e de domingo. Acordaram todos que é melhor assim.

Eu estava ali, sem perceber nada de vantagens nem de inconvenientes. Eles é que sabem.

Obra deles, para eles..., só por eles tem verdadeiro sentido.

Eu escutei, religiosamente, e fico aguardando o resultado da reforma.

eu saboreio nestes momentos os mandatos divinos da castidade. Como faz bem aos meus rapazes a vista deste inocente. Como eles compreendem que Deus quer apenas o equilíbrio humano, a nobreza e dignidade dos homens, ao impor limite à sua paixão. Como eles apreciam este valor da castidade. Sim! aos maiores eu apresento estes casos reais pró prevenir.

O menino não veio para nossa Casa. Nós não podíamos. Tenho um de dois anos e meio e o outro requeria cuidados que humanamente lhe não podíamos dar. Então? — Fui pedir. Eu sabia da grandeza e fui lá bater. Alguém que quer ser mãe de abandonados. Ganhar-lhes o sustento com o suor do rosto! Fui bater e as portas abriram-se: — «Traga-me o menino». Cuida dele a avó adoptiva. Uma senhora, mãe de oito filhos, que são uma coroa, quer agora ser avó de abandonados! Que alegria para aquelas duas mães! Os vizinhos souberam e fizeram uma recepção ao nosso menino. O enxoval foi preparado de um dia para o outro e uma nova alegria encheu a família.

Ele há grandezas que só a fé poderá vislumbrar. Evaristo Manuel tem mãe porque Cristo vive. Vive nos Cristãos. Como eu gosto deste nome! Cristãos!

Tenho encontrado tantos homens à procura de Cristo cheios da simpatia irradiante d'Ele e tão afastados d'Ele, dizem, por causa dos Cristãos. Eu tenho argumentos. Apresento estes casos. Conto-lhes tudo e faz-lhe tão bem! Outros vêm com a igualdade e eu pergunto-lhes onde está a igualdade. Onde? — Se os homens são tão diferentes como o Céu e o Inferno.

P.º ACILIO

